

PRESENTE MILIONÁRIO

Governo quer apuração sobre as joias irregulares

Dino pede que PF investigue crimes na tentativa de entrar com peças sem declará-las

» INGRID SOARES

O governo federal vai entrar nas investigações sobre a tentativa, durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, de que um conjunto de joias presenteado pelo governo da Arábia Saudita — avaliado em aproximadamente R\$ 16,5 milhões — entrasse irregularmente no país. O ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, anunciou, via rede social, que a Polícia Federal será acionada amanhã para apurar possíveis cometimentos de crimes.

“Fatos relativos a joias, que podem configurar os crimes de desvio de caminho, peculato e lavagem de dinheiro, entre outros possíveis delitos, serão levados ao conhecimento oficial da Polícia Federal para providências legais. Ofício seguirá na segunda-feira”, destacou.

Além de Dino, o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, cobrou apuração para o caso e caracterizou como “repugnante” a tentativa feita por Bolsonaro de recuperar as joias.

“Não sei para quem eram as joias. A apuração vai dizer. Mas, independentemente disso, é absolutamente repugnante qualquer atitude de um chefe de Estado, de qualquer servidor público, utilizar do seu poder pra cometer um ato de ilegalidade como esse”, disse, depois de um evento do consórcio de governadores do Sul e Sudeste, no Rio de Janeiro.

Padilha classificou a tentativa de entrar com o conjunto de joias como “contrabando” e disse que um prêmio deveria ser dado aos fiscais que impediram a ilegalidade. “Se fosse dar uma joia, deveria ser para esse fiscal, todos os fiscais da Receita que impediram esse contrabando ilegal de trazer aquilo que foi recebido por uma comitiva presidencial”, salientou.

Também por meio das redes sociais, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, parabenizou os servidores da Receita — ao qual está subordinada — pelo Dia

Rafael Campos/Cosud



Padilha classificou a tentativa de trazer as joias como contrabando e parabenizou a firmeza dos fiscais de Guarulhos

Nacional de Combate ao Contrabando, comemorado em 3 de março, mas não citou diretamente o caso das joias. Ele destacou a “fiel aplicação da lei no cumprimento da missão institucional”, destacando “em especial os que atuam diretamente no controle aduaneiro” — numa referência velada ao presente dos sauditas.

Mas as ações para investigar a suspeita de contrabando não se restringirão ao Executivo. A deputada federal Erika Hilton (PSol-SP) pediu que o Ministério Público Federal (MPF) apure o episódio, pois, segundo a parlamentar, há indícios do crime de corrupção passiva. A representação foi enviada à Procuradoria da República em São Paulo.

Bem pessoal

Para o presidente da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Unafisco),

Mauro Silva, os fatos relacionados ao transporte ilegal de joias realizado pela cúpula do governo Bolsonaro não deixam dúvida de que se tratava de um presente pessoal, destinado a Michelle Bolsonaro e ao ex-presidente. “A alegação de que seria um presente para o governo brasileiro não faz sentido nenhum. Ninguém mandaria um presente desses para a Presidência do Brasil na mochila do assessor de um ministro”, disse.

Mauro lembra que há os caminhos diplomáticos para que isso seja feito e que, justamente por se tratar de um presente de alto valor, qualquer país faz questão de seguir o protocolo oficial. “Quando é enviado um presente ao governo, é valorizado todo o protocolo, a cerimônia que esses processos possuem. Essa é a essência dessas questões diplomáticas”, explicou. **(Com Agência Estado)**

Jogo de pressão

Depois que o então ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, e seu assessor Marcos André Soeiro desembarcaram no Aeroporto de Guarulhos do voo 773, vindos da Arábia Saudita, em 26 de outubro de 2021, com o estojo com as joias para o ex-presidente e a ex-primeira-dama, em pelo menos cinco oportunidades a máquina governamental foi usada para tentar liberar o presente milionário.

1) Carteiraada do ministro — Ao saber que as joias tinham sido descobertas, Albuquerque voltou ao recinto alfandegado do aeroporto. Alegou que era um presente para Michelle e o relógio para o ex-presidente. Foi dada a ele a opção de declarar que se tratava de um presente de um governo para outro, mas não a aceitou. Se tivesse feito essa opção, as joias teriam sido tratadas como propriedade do Estado brasileiro e liberadas.

2) Itamaraty em cena — O Ministério das Relações Exteriores foi acionado por Bolsonaro e pediu, em 3 de novembro de 2021, à Receita para que tomasse “providências necessárias para liberação dos bens retidos”. O Fisco voltou a informar que só seria possível fazer a retirada mediante os procedimentos de praxe nestes casos, com quitação da multa e do imposto devidos.

3) Nova pressão — Também em 3 de novembro de 2021, o gabinete de Bento Albuquerque reforçou a pressão sobre a Receita em mais uma tentativa para conseguir recuperar as joias e entregá-las a Bolsonaro. A apreensão foi mantida.

4) Bolsonaro interfere — Em 28 de dezembro de 2022, o próprio ex-presidente enviou um ofício à Receita para solicitar que as joias fossem destinadas à Presidência. Nova negativa.

5) Voo da FAB — A última tentativa foi em 29 de dezembro de 2022. Bolsonaro determinou que um funcionário — o sargento da Marinha Jairo Moreira da Silva — pegasse um jatinho da Força Aérea Brasileira e desembarcasse em Guarulhos para dar nova carteiraada. A viagem foi articulada pelo tenente-coronel Mauro Cid, ajudante de ordens de Bolsonaro. De novo os funcionários da Receita negaram a entrega das joias.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Fusões partidárias fortalecerão ainda mais o Centrão

Temos atualmente 28 partidos. Formalmente, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com um deputado, requer a fusão com o Patriota (quatro deputados) para formar o partido Mais Brasil. Solidariedade (quatro deputados) pede a incorporação do Partido Republicano da Ordem Social, o PROS (três deputados). O Podemos (12 deputados) solicita a incorporação do Partido Social Cristão, o PSC (seis deputados). Mas a movimentação mais importante é a federação ou fusão do PP (59 deputados) e do União Brasil (47 deputados), que resultará na formação da maior bancada da Câmara, com 106 deputados.

Dos 28 partidos e federações que concorreram nas eleições passadas, apenas 13 receberão recursos do Fundo Partidário em 2023, 15 não elegeram deputados federais, nem obtiveram votos suficientes para alcançar a chamada cláusula de desempenho. Os partidos que sobreviveram estão canibalizando os demais. As maiores bancadas na Câmara são do PL, de Jair Bolsonaro, com 99 deputados, e da federação PT-PV-PCdoB, com 81 deputados, que protagonizam a polarização entre o governo Lula e a oposição.

A fusão ou formação de uma federação do PP, liderado pelo ex-ministro da Casa Civil Ciro Nogueira e pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (AL), com o União Brasil, sob comando do deputado Luciano Bivar (PE) e o ex-prefeito de Salvador ACM Neto, consolida a hegemonia do Centrão no Congresso, alicerçado no controle sobre a distribuição de emendas do relator no Orçamento da União.

Essa hegemonia no Congresso cria condições mais favoráveis para o Centrão arrancar concessões do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seja na ocupação de cargos do governo, seja na aprovação de seus projetos, que geralmente caminham lado a lado. Além disso, o controle sobre as emendas, ao lado das mordomias e privilégios dos detentores de mandatos, além dos recursos dos fundos partidário e eleitoral, desequilibrarão a disputa nas eleições municipais.

Outras fusões e incorporações também deverão ocorrer e compor um espectro partidário mais reduzido e de perfil político mais claro. Considerando o perfil das legendas, a direita mais ideológica será representada pela aliança do PL com o Republicanos, sob forte influência do ex-presidente Jair Bolsonaro, cuja capacidade de transferência de votos nas eleições ficou provada em 2018, 2020 e 2022.

MDB e PSD, com 42 deputados cada, são as forças mais importantes de centro e centro-direita, respectivamente, o que deixa muito pouco espaço para o surgimento de um partido social-liberal, ao centro. PSB, PDT e a Federação Rede-PSol ocupam o espaço da centro-esquerda, ao fazer aliança com Lula. A federação PSDB-Cidadania, com 18 deputados, saiu muito enfraquecida da eleição e vive uma indefinição em relação ao rumo a tomar, uma vez que a opção de ampliação da federação com o Podemos, não se consolidou e o projeto da “terceira via” subiu no telhado, com a participação de Simone Tebet no governo Lula. Além disso, suas bancadas se deslocaram da centro-esquerda para a centro-direita.

Crescer ou crescer

Quando Lula se refere à “cooperativa de partidos”, está passando recibo de que essa movimentação pode se tornar uma dor de cabeça nesse começo de mandato. A grande maioria do Congresso se move por interesses, velhas práticas como o patrimonialismo, o fisiologismo e o clientelismo estão vivíssimas. Tudo converge para as emendas de relator, nas quais os verdadeiros autores não são conhecidos. Mesmo nos partidos mais programáticos, o transformismo se impôs durante a gestão de Lira, reconduzido ao cargo com amplíssima maioria. Não existe mais “baixo clero” porque, agora, quem manda são suas principais lideranças, muitas das quais desconhecidas do grande público.

Nesse contexto, Lula navega em meio à calmaria que antecede a borrasca. Haverá uma queda de braço entre o governo e a oposição, na qual o Centrão será o fiel da balança. A mão pesada do governo sempre influencia as votações, ainda mais com um presidente recém-eleito, mas isso depende da preservação da popularidade de Lula, que venceu por estreita margem e enfrenta uma oposição radical nas redes sociais, que já demonstrou ser capaz de ganhar as ruas.

A maior ameaça à governabilidade é a situação da economia, principalmente o baixo crescimento, que inviabiliza as promessas de campanha de Lula. As medidas tomadas pelo governo até agora, tanto na área econômica — como a cobrança de impostos sobre combustíveis — quanto na área social — caso do novo Bolsa Família —, não têm sustentabilidade enquanto a taxa de juros estiver em 13,75%.

Com um crescimento do PIB de 2,9% em 2022, o mercado começa a projetar uma inflação da ordem de 4,9% para este ano, bem abaixo do último Boletim Focus, que era de 5,9%. Se isso ocorrer, o presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, estará na berlinda novamente, porque a taxa de juros se tornará uma ameaça ainda maior ao governo Lula. Não por acaso, a artilharia petista novamente se voltou contra ele, mas sua blindagem é o Centrão.

Bolsonaro se esquivava: nada pediu

Getty Images via AFP



Ex-presidente negou ilegalidade. Tergiversou ao falar do cartão corporativo

O ex-presidente Jair Bolsonaro negou, ontem, que o colar, o anel, o relógio e o par de brincos presentados pelo governo da Arábia Saudita foram trazidos ao Brasil de forma ilegal. Ele também negou que as joias seriam para fins pessoais dele e da ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro.

“Estou sendo acusado por um presente que não pedi, nem recebi. Não existe qualquer ilegalidade da minha parte. Nunca pratiquei ilegalidade. Veja o meu cartão corporativo pessoal. Nunca saquei, nem paguei nenhum centavo nesse cartão”, esquivou-se, em entrevista à CNN. Entretanto, o ex-presidente, por meio de auxiliares, tentou em várias oportunidades reaver o conjunto de joias **(veja quadro ao lado)**.

Apesar das indicações de que o presente dos sauditas entraria irregularmente no Brasil, Bolsonaro estava mais interessado em tratar da participação que fez na Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC), em Washington. No discurso, assegurou que sua “missão como presidente ainda não acabou”.

“Agradeço a Deus pela minha segunda vida e também pela missão de ser presidente por um mandato. Mas sinto, lá no fundo, que essa missão ainda não acabou”, observou.

Bolsonaro criticou, indiretamente, a ex-presidente Dilma Rousseff, quando afirmou ter se candidatado à Presidência após ver uma “comunista” releita. Afirmou “não ter obrigado ninguém a tomar vacina” porque,

segundo ele, enquanto uns recorrem à ciência, ele defende a liberdade.

“Sempre defendi a liberdade, não obriguei ninguém a tomar vacina no Brasil. Tem certos assuntos no país que são proibidos de serem tratados. Um é a vacina. É o tempo todo: ‘É a ciência, é a ciência, é a ciência’. Eu digo: ‘É liberdade, liberdade, liberdade’”, justificou-se.

Não poderia faltar uma alfinetada no presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que autorizou dois navios de guerra iranianos a atracarem no Rio de Janeiro. Segundo Bolsonaro, se “fosse presidente, não teríamos problema com navios iranianos” — insinuando que não permitiria que entrassem nas águas brasileiras.

Seguindo o roteiro de questionar a derrota eleitoral de outubro

passado, disse: “Tive muito mais apoio em 2022 do que em 2018. Não sei por que os números mostraram o contrário”, sugeriu. Ele também comentou a revogação do decreto que liberava a compra de armas e munição. “A primeira medida desse novo velho governo foi revogar os meus decretos. Sempre disse no Brasil: povo armado jamais será escravizado e país armado jamais será subjugado”.

Bolsonaro também jactou-se de ter sido o último a reconhecer a derrota de Donald Trump para Joe Biden, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. “Fui o último presidente a reconhecer as eleições há dois anos aqui nos EUA. Continuo fiel aos nossos princípios, ao nosso lema: ‘Deus, pátria, família e liberdade’”, garantiu. **(IS)**